

Lílian Lopes Guedes¹
Flávio Bezerra Barros¹
Fagner Freires de Sousa²

A PESCA ARTESANAL DO AVIÚ (*Acetes marinus*): ETNOECOLOGIA E CONTRIBUIÇÕES PARA A VIDA DOS RIBEIRINHOS DA LOCALIDADE DE PONTA DO LUCIANO DE CAMETÁ TAPERÁ, CAMETÁ – PA

ARTISAN FISHING FOR AVIÚ (*Acetes marinus*): ETHNOECOLOGY AND CONTRIBUTIONS TO THE LIFE OF RIVERSIDE PEOPLE IN THE LOCATION OF PONTA DO LUCIANO DE CAMETÁ TAPERÁ, CAMETÁ – PA

¹ Universidade Federal do Pará

² Instituto Federal do Pará

RESUMO

A pesca artesanal do aviú (*Acetes marinus*) é uma das principais atividades produtivas praticada pelos ribeirinhos do município de Cametá, na Amazônia paraense. Assim, a pesquisa teve como objetivo analisar e caracterizar a pesca artesanal do aviú e suas contribuições para a vida dos ribeirinhos da localidade de Ponta do Luciano de Cametá Tapera. Foram utilizadas no trabalho as metodologias como observação participante, entrevistas não diretivas e questionários semi-estruturados com 31 ribeirinhos da localidade. A pesquisa demonstra que os pescadores e pescadoras possuem rico conhecimento sobre a pesca, obtido por meio da convivência e relação com a natureza. A atividade é realizada por arrasto na margem esquerda do rio Tocantins, entre maio e junho. Utilizam como apetrecho o pano de aviú, além de baldes, paneiros e sacos plásticos que são utensílios empregados para acondicionar o produto. A pesca apresenta maior produtividade durante as noites escuras e maré vazante e após a pescaria, o aviú passa por processamento, podendo ser frito ou armazenado seco. A atividade se caracteriza pela transmissão de saberes que remete aos ensinamentos dos antepassados e ainda resiste até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento tradicional; aviú; pescadores artesanais; Amazônia Paraense.

ABSTRACT

Artisanal fishing for aviú (*Acetes marinus*) is one of the main productive activities practiced by riverside people in the municipality of Cametá, in the Pará Amazon. Thus, the research aimed to analyze and characterize the artisanal aviú fishing and its contributions to the life of the riverside inhabitants of Ponta do Luciano de Cametá Tapera. Methodologies such as participant observation, non-directive interviews and semi-structured questionnaires with local riverside residents were used in the work. The research demonstrates that fishermen and fisherwomen have rich knowledge about fishing, obtained through coexistence and relationship with nature. The activity is carried out by trawling on the left bank of the Tocantins River, between May and June. They use aviú cloth as a tool, in addition to buckets, panniers and plastic bags, which are utensils used to pack the aviú. Fishing is more productive during dark nights and low tide, and after fishing, the aviú undergoes processing, which can be fried or dried. The activity is characterized by the transmission of knowledge that refers to the teachings of ancestors and still resists to the present day.

KEYWORDS: Traditional knowledge; aviú; artisanal fishermen; paraense Amazon.

INTRODUÇÃO

A pesca artesanal é entendida como toda ação voltada à captura ou extração de recursos pesqueiros, ou seja, é aquela em que o pescador utiliza apenas sua força de trabalho e equipamentos simples necessários para a realização da atividade, geralmente voltada ao autoconsumo e comercialização do excedente (COTRIM, 2008).

Desse modo, grande parte da pesca artesanal realizada na Amazônia paraense, é praticada de forma simples, com a utilização de apetrechos produzidos por meio de recursos naturais, como descreve Silva et.al (2016, pag. 5): "existem ainda apetrechos confeccionados com a utilização de materiais extraídos da floresta como o cipó títica (*Heteropsis spruceana Schott*), a tala de jupati (*Raphia vinifera*), de miriti (*Mauritia flexuosa L.*) e tala de guarumã (*Ischnosiphon polyphyllus*)." Grande parte das comunidades tradicionais vive da extração dos recursos naturais, sejam eles para a confecção de artefatos, sejam para a alimentação.

Assim, é possível observar que os pescadores artesanais utilizam uma série de conhecimentos tradicionais necessários para satisfazer suas necessidades básicas sociais, que são visualizadas na territorialização definida por meio da relação cotidiana com o espaço em que vivem. Nessa relação, muitos pescadores utilizam os recursos naturais da floresta para produzirem seus apetrechos de pesca, para assim capturarem o pescado voltado para a alimentação do grupo familiar (GUEDES, 2013).

A partir dessa contextualização de pesca artesanal e sua relação com o conhecimento tradicional, a atividade pesqueira pode ser caracterizada, de acordo Vasconcelos et.al. (2007), pela sua complexidade e dispersão exposta nas diversas artes de pesca que utilizam, como por exemplo, nos apetrechos e práticas de capturas. Mas, para além disso, é também reconhecida pela ausência de políticas públicas voltadas para essa atividade, que é fonte de renda familiar, geradora de emprego, principalmente para a classe mais pobre, e que apresenta total importância para a segurança alimentar e produção de alimentos no Brasil.

Apesar de sua diversidade, a pesca apresenta espécies ainda pouco conhecidas socialmente e cientificamente, como é o caso do aviú, espécie de crustáceo que pertence a ordem Decapoda, a família Sergestidae, gênero *Acetes* e espécie *Acetes marinus*. A espécie ainda possui como característica principal, um tamanho inferior ao de outras espécies, com cerca de 2 cm de comprimento. Ocorre consideravelmente na região Norte do Brasil, com destaque para o Baixo Tocantins e Baixo Amazonas, trazendo diversos benefícios, como a geração de renda e alimentos, para as comunidades ribeirinhas (ASSUNÇÃO, 2007, FEITOSA et.al, 2018).

Alem disso, a pesca do aviú é uma das importantes atividades produtivas praticadas pelos ribeirinhos da localidade de Ponta do Luciano de Cametá Tapera, localizada no município de Cametá, no Pará. Nessa região, a captura dessa espécie só é realizada em uma época do ano, sendo praticada principalmente entre maio e junho, época de fartura. No entanto, apesar de sua importância para a comunida-

de, ainda apresenta carência de informações que reconheçam essa atividade como fonte de reprodução social.

Somado a isso, os conhecimentos e práticas tradicionais, objeto de estudo da etnoecologia, quando relacionados a uma atividade produtiva, têm como propósito principal garantir a reprodução biocultural do sujeito que a pratica que, segundo Toledo e Barrera-Bassols (2009), é a reprodução da família garantida a partir da relação sociedade-natureza, englobando os aspectos da reprodução biológica e econômica (a partir da utilização dos recursos naturais para o autoconsumo e comercialização) e das práticas socioculturais (conhecimentos, práticas e cosmovisões). Conforme os autores, de acordo com as formas pelas quais os povos tradicionais veem o mundo, a natureza é a principal fonte de vida que alimenta, sustenta e ensina, ou seja, é importante tanto pela reprodução dos conhecimentos e práticas ao longo das gerações, quanto pela satisfação das necessidades básicas da família.

Para Little (2002, pag. 41), “a etnoecologia vai muito além do simples inventário de nomes nativos de plantas ou de práticas produtivas do grupo, já que procura entender sua adaptação como fundamentada em sistemas integrados, dentro de uma lógica própria de transmissão de conhecimento e aprendizagem”. Assim, o conhecimento tradicional associado à pesca artesanal pode ser representado por meio da relação que os povos tradicionais possuem com a natureza a sua volta, pois para o mesmo autor, a etnoecologia estuda e compara os diversos sistemas de interação que tais grupos utilizam no meio biofísico e social em que vivem.

Esse conjunto de crenças-conhecimentos-práticas revela a forma que os produtores tradicionais percebem a natureza à sua volta. A etnoecologia se identifica como o estudo das crenças, conhecimentos tradicionais e práticas produtivas, que visa analisar e unir as diferentes formas de valorização social e utilização do meio em que os diferentes povos vivem e se reproduzem ao longo da história (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009).

Assim, entende-se que estudar a pesca artesanal, analisando a etnoecologia e as contribuições para a vida dos ribeirinhos da localidade de Ponta do Luciano de Cametá Tapera, é fundamental para a compreensão da realidade e de suas necessidades. Compreender a colaboração da pesca artesanal para essa comunidade é um passo importante para que se possa fortalecer a atividade no que diz respeito à soberania de produzir, de consumir e de terem suas próprias políticas públicas de produção que valorize o trabalho dos pescadores artesanais, inclusive pensando na sua sustentabilidade.

Diante disso, a pesquisa parte do seguinte questionamento: como se caracteriza a pesca artesanal do aviú (*Acetes marinus*) no que consiste a etnoecologia e as contribuições para a vida dos ribeirinhos da localidade de Ponta do Luciano de Cametá Tapera?

Assim, com o intuito de responder as questões da pesquisa, o trabalho apresenta como objetivo analisar e caracterizar, a partir de uma perspectiva etnoecológica, a pesca artesanal do aviú (*Acetes marinus*) e suas contribuições para a vida dos ribeirinhos.

METODOLOGIA

Caracterização da área de estudo

O estudo foi realizado na localidade de Ponta do Luciano de Cameté Tapera, no município de Cameté, na Amazônia paraense. A localidade está situada à margem esquerda do Rio Tocantins, à 12 km do centro da cidade de Cameté (Figura 1).

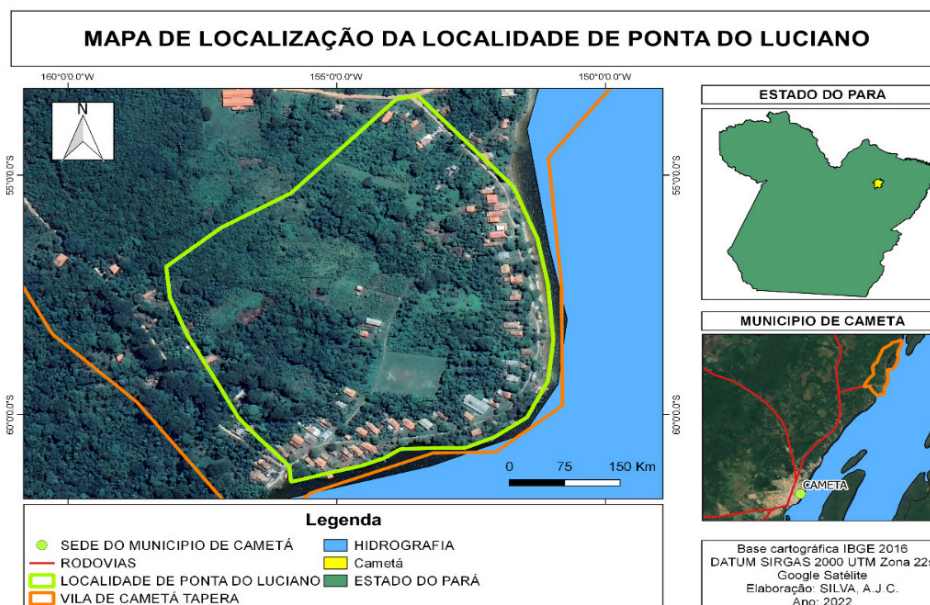


Figura 1: Localização de Ponta do Luciano de Cameté Tapera.

Fonte: Silva, 2022.

A cidade de Cameté se localiza na mesorregião do Nordeste paraense, fazendo limite ao Norte com o município do Limoeiro do Ajurú, ao Sul com Mocajuba e a Oeste com Oeiras do Pará (MOURÃO, 2017). Para ter acesso à cidade, as pessoas utilizam vias terrestres ou vias fluviais, através de diversos tipos de transporte (motocicletas, carro, bicicleta ou embarcações), considerados elementos essenciais para garantir o acesso ao município e seus arredores (MOURÃO, 2017).

Segundo o Inventário da Oferta Turística de Cameté (2016), o município possui coordenadas geográficas $02^{\circ}07'30''$ / $-49^{\circ}22'30''$ e uma área total correspondente a 3.081.360 km, com população total de 120.896 habitantes, sendo que 43,7 % pertence a zona urbana e 56,3 % a zona rural.

Dentro do município de Cameté encontra-se a comunidade de Cameté Tapera, a qual foi de fundamental importância para o papel histórico da fundação de Cameté. Através dela que se fundou o município, época em que muitos nativos e colonizadores eram abrigados na região (MOURÃO, 2017).

Atualmente, a comunidade possui aproximadamente 200 famílias, dividindo-se em algumas localidades. Uma delas se chama localidade da Ponta do Luciano, onde suas crenças, tradições, formas de consumo e reprodução social são os delineamentos de sua caracterização na sociedade.

A nomenclatura de Ponta do Luciano é muito antiga e, de acordo com os

moradores locais, surgiu como homenagem a um dos primeiros habitantes da região, um velho senhor que se chamava Luciano. O mesmo residia e zelava pelo local bem antes do povoamento da localidade, motivo pelo qual se denominou o espaço de localidade de Ponta do Luciano de Cametá Tapera. A localidade apresenta em torno de 50 famílias e possui, em seu cenário, igrejas católica e evangélicas, fábrica de vassouras, mercearias, restaurante, praia e muita vegetação.

É representada pela Associação Mista e Beneficente dos Moradores da Ponta do Luciano de Cametá Tapera, a qual atua junto aos moradores na fiscalização do pescado, garantindo o sucesso do período de defeso, conservação ambiental, beneficiamento de toda população e a sustentabilidade local. É caracterizada como comunidade ribeirinha composta por agricultores e pescadores artesanais, que fazem dessas atividades produtivas uma prática de autoconsumo e reprodução social.

A sabedoria deixada por seus antepassados é reproduzida como força e práticas de trabalho. A grande maioria das famílias vive do que produz na pesca artesanal do camarão (*Litopenaues schmitti*), pescada (*Cynoscion leiarchus*), mapará (*Hypophthalmus edentatus*) e aviú (*Acetes marinus*). A captura do aviú é uma atividade tradicional considerada como importante fonte de alimentos e renda. Esse pescado representa um expressivo papel para a comunidade, podendo ser processado, consumido e comercializado, contribuindo para o autoconsumo e reprodução social das famílias.

Além do mais, o percurso de 12 km até a sede do município representa o cotidiano dos pescadores artesanais e agricultores locais, que comercializam parte de seus produtos na feira livre de Cametá. O cacau, a castanha-do-pará, a castanha-de-caju, a laranja, o caju, a manga e o bacuri são os mais representativos produtos da economia obtidos na região. Assim, as famílias podem ser caracterizadas pela luta e busca por melhores condições de vida. Educação, alimentação e, sobretudo, cultura, representam os fatores mais significativos da população.

Coleta de dados na comunidade

A pesquisa acessou os conhecimentos tradicionais associados a pesca artesanal do aviú (*Acetes marinus*), no que consiste aos saberes e fazeres dos pescadores artesanais, tanto no processo de identificação e captura do crustáceo, quanto da produção de artefatos de pesca.

Dessa forma, o estudo foi conduzido mediante um termo de consentimento prévio e informado, por meio da consulta aos pescadores artesanais da comunidade de Cametá Tapera, através da Associação Mista e Beneficente dos Moradores da Ponta do Luciano de Cametá Tapera - CNPJ- 11.502.751/0001- 22. Após o consentimento foi solicitada a autorização do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Depois de aprovada, a pesquisa, enfim, foi ini-

ciada, conforme autorizações do SisGen de N° A0AD34B e do CEP de N° 4.567.657.

A pesquisa foi de caráter descritivo, qualitativo e quantitativo com observação participante (MALINOWSKY, 1976), entrevistas não diretivas (MICHELAT, 1987) e aplicação de questionários semi-estruturados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Foi utilizado o aplicativo Esportractive, com auxílio do *Google Earth*, para obter imagens via GPS da comunidade e da área de captura dos crustáceos.

A observação participante foi realizada por meio do envolvimento e convivência direta com a comunidade pesquisada. Ocorreu durante o trabalho dos ribeirinhos com o aviú, no período de pesca, para melhor descrever e compreender a atividade, os conhecimentos a ela relacionados e a transmissão desses conhecimentos entre as gerações.

As entrevistas não diretivas (MICHELAT, 1987) foram realizadas com 31 ribeirinhos pertencentes à localidade, a fim de levantar o histórico da pesca artesanal do aviú, as permanências e inovações relacionadas a essa atividade ao longo dos anos e das gerações. Foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada pescador, cabendo a eles a determinação do dia, local e horário. Foram considerados na determinação da amostragem dos atores entrevistados, o gênero, faixa etária e participação na pesca artesanal do aviú. Utilizaram-se perguntas direcionadas aos métodos de captura do aviú (mão de obra e apetrechos), conhecimentos e práticas tradicionais.

A aplicação dos questionários (GERHARDT; SILVEIRA, 2009) foi realizada com 31 ribeirinhos da localidade tendo como objetivos traçar o perfil socioeconômico dos pescadores, bem como coletar informações de caráter quantitativo relacionadas a atividade da pesca do aviú, as quais oportunizaram gerar indicadores e dados estatísticos que auxiliaram na discussão das informações qualitativas.

O tratamento dos dados da pesquisa foi realizado por meio da sistematização e análise das informações obtidas no estudo, buscando interpretá-las à luz da teoria disponível em diferentes plataformas. Os dados quantitativos foram organizados por meio de tabelas, com o auxílio do Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pesca Artesanal do Aviú (*acetes marinus*) na localidade de Ponta do Luciano em Cametá Tapera

Concepções gerais sobre os pescadores artesanais

Os pescadores artesanais se caracterizam pelo seu modo de vida, ou seja, pelas relações cotidianas com a natureza à sua volta, na qual se inserem a partir do uso da força de trabalho familiar e meios de produção próprios para a promoção de práticas de pesca, construídas ao longo das gerações e que garantem o autoconsumo e reprodução social.

Foram entrevistados 31 moradores da localidade. Dentre eles, encontram-

-se pessoas com atividades diversas, sendo que a maior parte dos chefes de famílias são pessoas que buscam na agricultura e pesca o sustento familiar. Desse modo, a pesca praticada de forma tradicional e associada a outras atividades, ocupa os diferentes espaços da sociedade onde é praticada por meio da exploração do recurso natural para o consumo familiar, como também pode ser observado no trabalho de Furtado (1990).

A idade dos entrevistados variou de 18 a 84 anos, sendo 19 homens (61,3 %) e 12 mulheres (38,7 %), a maioria (83,8 %) natural da própria localidade e com grau de escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto (71 %).

A composição familiar predominante (80,64%) entre os entrevistados é de 4 a 6 pessoas por família, com renda média mensal de 0,5 salário mínimo. A realização de alguma atividade econômica externa à unidade familiar ocorreu dentre todas as famílias entrevistadas (Tabela 1).

Tabela 1: Principais fontes de renda do Grupo Familiar.

Moradores entrevistados	%	Principal fonte de renda
13	41,93	Pesca/Agricultura
2	6,45	Emprego Formal
7	22,6	Aposentadoria
3	9,67	Seguro Defeso
6	19,35	Bolsa Família

A principal fonte de renda (Tabela 1) dos moradores da localidade está baseada principalmente na pesca e agricultura para 41,93 % dos entrevistados. Aposentadoria também apresenta um papel importante para as famílias de pessoas que nos dias de hoje não se encontram mais em condições de realizar atividades produtivas. Alguns grupos familiares também contam com o bolsa família, renda obtida todo mês por 19,35 % dos entrevistados.

Dentre os entrevistados, 77,4 % ainda realizam a pesca nos dias de hoje e 22,6% justificam sua interrupção por conta de problemas de saúde e idade. Estas são pessoas com mais de 40 anos de experiência na pesca, sendo 3 (9,7 %) mulheres e 5 (16,13%) homens que não pescam mais; porém, transmitem seus conhecimentos para seus filhos e netos.

Outro fator de destaque é a escolaridade dos moradores locais. Parte deles não possui escolaridade (não alfabetizados) e nem emprego formal, e sempre utilizaram, na maior parte, as atividades de pesca como forma de geração de renda e autoconsumo.

Alguns moradores, mais especificamente os que apresentam idade entre 45 e 80 anos, relatam que viveram uma vida onde tudo era difícil, principalmente para estudar. Em suas rotinas diárias tinham que percorrer 12 km a pé até o centro da cidade para terem acesso à escola. Isso tudo em um tempo dividido entre a escola e o trabalho. Com o tempo foram deixando de lado o estudo para manter suas necessidades básicas familiares.

A maioria dos moradores são cadastradas no seguro defeso, o qual é apresentado por Campos e Chaves (2014) como o programa que ampara o pescador artesanal sob a forma de transferência monetária durante o período de defeso, ou seja, quando ele não pode pescar. No entanto, apenas 3 dos entrevistados dizem ter o benefício como principal fonte de renda, enquanto que a maioria admite não contar com o recurso, visto que são cadastrados, mas nem sempre recebem o benefício e quando recebem a pesca já se encontra aberta aos pescadores.

Assim, a comunidade conta com uma Associação Mista e Beneficente, a qual tem por objetivo melhorar a qualidade de vida dos seus associados em geral, criando atividades sociais e culturais para a melhoria das condições de vida e organização de movimentos voltados para a sustentabilidade ambiental. A Associação atualmente recebe apoio da Prefeitura Municipal de Cametá, por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), da Secretaria de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Econômico (SEMADRE) e também da Secretaria Municipal de Pesca e Aquicultura (SEMUPA) para manutenção de Acordo Comunitário de Pesca para a garantia e sucesso da preservação das espécies (Figura 2).



Figura 2: Entrega da Placa do Acordo de Pesca para o representante da Associação.
Fonte: Lilian Guedes, 2023.

Por meio do acordo de pesca, a Associação passou ainda a auxiliar a comunidade a garantir a conservação dos recursos pesqueiros e, assim, dispor de pescado ao longo do ano, garantindo a soberania e segurança alimentar da localidade, como relata Leno Guedes, ex presidente da Associação.

“A Associação Mista e Beneficente da Ponta do Luciano, veio com o propósito de cumprir o período de defeso e, assim, ajudar e beneficiar toda a população da localidade por meio da pesca em seu tempo certo, o que de fato favorece a população de forma financeira e alimentar e, ainda protege o meio ambiente” (Leno Guedes, 47 anos, 2023).

A organização social atua em função da comunidade, meio ambiente, reprodução e desenvolvimento do pescado e ainda beneficia a população por meio da pesca. Através da pesca do mapará (*Hypophthalmus edentatus*) como mostra a Figura 3, uma parte do pescado é dividida com a comunidade, outra parte gera renda, sendo que uma parcela dessa renda é repassada para as famílias e a outra é investida na manutenção da Associação, assim como os outros recursos obtidos cotidianamente.



Figura 3: Pesca e Sócios dividindo o mapará com a comunidade.
Fonte: Lílian Guedes, 2023.

Nessa ação, todos os chefes de famílias trabalham juntos em busca de melhores condições sociais, econômicas e ambientais, sendo esta, assim como a pesca do aviú, também uma fonte de renda familiar.

Portanto, a comunidade é caracterizada pela luta por melhores condições sociais. A exemplos de seus pais, tios e avós, os pescadores artesanais fazem de seus conhecimentos a construção de novas formas de vida. Dâmaso (2006, p.14) afirma que “a experiência da rotina faz com que construam o próprio conhecimento, enquanto continuamente colecionam informações empíricas, diferindo essencialmente do conhecimento científico pela falta de formulação de hipótese e validação”.

Assim, o valor dos conhecimentos, das atividades tradicionais, se definem como uma das coisas mais importantes da região. A pesca artesanal, por exemplo, está relacionada não só com a economia, geração de renda e autoconsumo, mas também com a experiência vivida pelos pescadores, manutenção do conhecimento tradicional e das práticas deixadas por seus antepassados.

O conhecimento tradicional, nesse propósito, surge por meio da memória, sendo o recurso mais importante na vida dessa população, ou seja, é uma experiência que se transmite no espaço e no tempo por meio do convívio no dia-a-dia, como também se contextualiza na obra de Toledo e Barrera-Bassols (2009). Para o morador Mauro do Carmo, de 50 anos, que cresceu na comunidade e sempre viveu da pesca, a atividade traz um enorme valor tradicional e boas lembranças do passado, mesmo diante de todas as dificuldades.

A pesca era realizada em vários lugares da localidade, não havia distinção de gênero, desde pequeno, me lembro que nos reuníamos e com apenas 12 anos, íamos em busca de alimento [...], era fartura de peixe, e fazíamos do trabalho da pesca uma diversão. Às vezes o pescado era vendido, mas naquela época era mais para o consumo, era um bom tempo e o que restam são as boas lembranças (Mauro do Carmo, 50 anos, 2023).

O relato indica que, na época, a pesca era tida com fartura pelos pescadores artesanais, e as crianças, por meio de seus pais, já tinham acesso a essas práticas, e a viam como algo que lhes trouxessem a verdadeira diversão, além de garantir alimentação para a família. Atualmente, a maioria das crianças e os jovens da comunidade tem uma vida completamente diferente daquela que seus pais tiveram, com todas as oportunidades e apoio possíveis, e não veem a atividade com o mesmo olhar de seus pais, com seu representativo valor social.

Essa observação pode ser representada a partir do contexto apresentado por Frossard (2003), o qual apresenta a figura do Jeca Tatu que surgiu durante uma significativa desvalorização da produção familiar e valorização da produção empresarial. Jeca Tatu é como as pessoas imaginam os indivíduos que moram no campo, e muitos jovens, por meio desse personagem, veem o mundo de forma diferente, sem futuro na produção agrícola ou pesqueira. Por meio de seus pais, são motivados e poupados das atividades para que possam se dedicar aos estudos para a obtenção de uma vida “mais digna e sem sofrimento”, pois nos cenários atuais ainda existem as imagens de desvalorização dos trabalhadores do campo.

Mesmo que essas atividades sejam importantes, ainda há uma ausência muito grande de políticas públicas sociais que valorizem ou incetivem o trabalho dos agricultores e pescadores artesanais. Isso tudo também é observado por Moreno (2015), ao afirmar que mesmo com as leis voltadas para o pescador artesanal, como por exemplo a Lei Nº 11.959 de Pesca e Aquicultura de 2009, muitas pessoas ainda são excluídas dos direitos legislativos, como os auxiliares de pesca, os que processam e beneficiam o pescado, os filhos dos pescadores artesanais. Por conta de grandes empreendimentos, a pequena produção do pescador artesanal é deixada de lado, o seguro defeso que deveria abranger com facilidade todos os pescadores artesanais, se apresenta com difícil acesso, e isso se torna responsável pela desvalorização histórica do trabalho não só dos pescadores artesanais, mas de todo o sistema de produção familiar.

Essa realidade acarreta, no decorrer dos anos, na diminuição e perda dos saberes tradicionais. Os fazeres que ainda persistem são aqueles voltados para a pesca. Uma inovação muito importante desenvolvida na comunidade como resposta e resistência, foi a criação da Associação Mista e Beneficente dos Moradores. Antes da fundação da Associação a pesca do mapará era frequente e a comunidade não tinha acesso ao pescado por conta de não pertencer ao grupo de pescadores que vinham de fora. Com a fundação da Associação, em 2009, os moradores desenvolveram alternativas sustentáveis e autonomia de pesca, e a partir de 2021, com o apoio de alguns órgãos públicos, a entidade prioriza ainda mais o meio ambiente, gera renda para a comunidade, consumo e comercialização do mapará.

Conhecimentos e práticas tradicionais da pesca artesanal do aviú

As práticas tradicionais de pesca podem ser consideradas como uma junção de técnicas manipuladas tanto por nossos ascendentes quanto por aquelas que foram surgindo no decorrer do desenvolvimento social (MORAES, 2011).

A pesca artesanal do aviú existe há muitos anos e essa prática jamais será deixada de lado, segundo os moradores locais. Na localidade de Ponta do Luciano de Cametá Tapera as atividades voltadas para a pesca do aviú são consideradas importantes para o autoconsumo e, principalmente, para a reprodução social das famílias.

Dessa forma, assim como suas práticas de captura, o consumo e comercialização são atividades que caracterizam a pesca como um todo. Na região, a pesca artesanal tem expressivo valor por ser uma prática que há muitos anos vem sendo passada de pai para filho através do trabalho e da vivência. Os pescadores são pessoas que caminham junto às transformações sociais, culturais e econômicas. Muitos deles pescam há mais de trinta anos, sejam homens ou mulheres, sem regras ou restrições para gênero ou idade.

Levando em consideração os valores e os saberes tradicionais do pescador artesanal, Andreoli (2007) afirma que os conhecimentos obtidos são importantes para que cada pescador possa se desenvolver junto a pescaria. Por meio deles podem experimentar e aprender novos saberes em sua área de atuação e, assim, serem capazes de criar seus próprios métodos de transformação e obtenção de um contínuo aprendizado, ou seja, suas atividades são traduzidas em conhecimentos que os aproximam da natureza na qual estão inseridos, e são transmitidos intergeracionalmente.

Assim, a atividade se caracteriza pela transição de saberes que começa desde os ensinamentos dos antepassados aos construídos atualmente. Com base nesses conhecimentos empíricos, os pescadores realizam suas atividades principalmente nos períodos de maio a junho, pois é a partir do início de maio, fartura do aviú, o período em que os crustáceos se concentram em maior quantidade nas margens do rio Tocantins.

A captura do aviú acontece de maio a junho. Logo no início de maio, e essa é a época de fartura. Não se sabe quando se reproduz, porém, acredito que a reprodução pode acontecer antes dessa época, pois é um período que não pescamos, por conta da quantidade ser menor, talvez ele esteja se reproduzindo” (Rosinei Monteiro, 38 anos, 2023).

Na fala do pescador Rosinei Monteiro, pode-se perceber que a pesca artesanal do aviú se realiza especificamente num único período do ano. Assim, maio e junho são os meses considerados pelos pescadores como a época do aviú, fase em que toda comunidade e visitantes se dedicam a essa pescaria com o propósito de geração de renda e alimento para famílias.

Habitantes antigos da localidade descrevem que o aviú já existe há muitos anos, antes mesmo da existência dos moradores mais experientes da região,

onde a pesca era vista, significativamente, com fartura, utilizada somente como alimentação, não havendo nenhum método de comercialização da espécie. Começou a ser destinado a venda há aproximadamente 55 anos por conta das necessidades de obtenção de renda para suprir outras necessidades das famílias e também pela procura excessiva do crustáceo.

Antigamente o aviú pescado só tinha o destino de consumo próprio, quando a família sentia vontade de comer, elas os capturavam com o tururí, assim, não havia saída para comércio, só para alimentação própria (Graça Barra, 70 anos, 2023).

Dona Graça Barra, moradora da comunidade há sete décadas, expõe um pouco da história do aviú na região. Afirmo que há anos a espécie servia somente para satisfazer suas necessidades alimentares e que somente os moradores dali os consumiam. Era considerado um recurso natural obtido somente como fonte de alimentação das famílias. Assim, a espécie era vista com fartura e utilizavam o chamado *tururí*, citado pelos pescadores mais experientes, como a matéria prima voltada para a produção do apetrecho de pesca que capturava somente a quantidade de aviú necessária para o consumo diário do pescador artesanal.

O *tururí* é uma fibra vegetal de origem amazônica. Extraída do ubucú (uma espécie de palmeira), é muito utilizada por comunidades tradicionais, principalmente na produção do artesanato, alimentação e várias ferramentas que auxiliam essas comunidades tradicionais da região amazônica do Brasil (MONTEIRO, 2016).

Essa espécie de fibra era transformada em apetrecho para pesca artesanal do aviú. Os pescadores a extraíam de matas da região e tinham uma prática em abrir a fibra transformando-a em algo semelhante a um cone, conforme mostra a Figura 4. Na figura o antes está representando o *tururí* extraído sem modificação e o depois, ao ser transformado em apetrecho de pesca. O apetrecho capturava o aviú em menores quantidades, pois não era voltado para fins comerciais, mas somente para consumo.

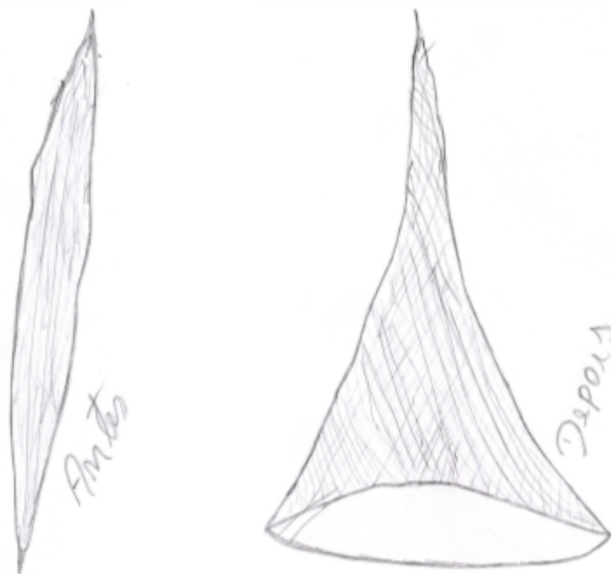


Figura 4: Esboço do *tururí*, apetrecho utilizado na pesca artesanal do aviú.

Fonte: Mauro do Carmo, pescador artesanal, 50 anos, 2023.

Nesse sentido, a pescaria apresentou algumas transformações no decorrer dos anos. A principal delas, citada pela senhora Luiza, diz respeito a quantidade de aviú pescada na comunidade atualmente. De acordo com a moradora: *“o aviú há uns dez anos era pescado com frequência e em quantidades maiores aos dias de hoje. De uns anos pra cá, talvez com aumento da procura e aumento do número de pescadores ou questões ambientais, a quantidade de aviú diminuiu”*.

Como mostra a fala anterior, esses são alguns dos questionamentos que se fazem presentes no cotidiano do pescador artesanal do aviú. O que de fato afeta a pesca artesanal na região? Será o método de pesca? A quantidade de pescadores ou crescimento da população local? O que pode explicar a variação na quantidade de aviú existente nos dias de hoje?

Pode-se dizer que atualmente ele é valorizado não somente como fonte de alimentação, mas principalmente como fonte de renda por meio da comercialização. Esse pode ser um dos principais fatores que interferem na quantidade do pescado capturado na pesca atual.

Assim, a captura desse recurso é realizada por quase toda população local e por diversas pessoas de outras regiões, o que, conseqüentemente, pode explicar a hipótese de redução no local, pois de acordo com os fatos, pode ser que não haja uma redução na quantidade de aviú, mas um aumento na procura e no número de pescadores artesanais na região.

Uma outra explicação também pode ser apresentada levando em consideração as questões ambientais apresentadas por Assunção (2007), onde afirma que no Baixo Tocantins há uma significativa variação sazonal de temperatura e pH, sendo que no período menos chuvoso esses dados são mais elevados, apresentando um material de suspensão mais baixo.

Desse modo, isso tudo reflete na presença dos crustáceos nessas águas em diferentes épocas, já que o aviú é uma espécie capturada, em grande quantidade, no fim do período chuvoso para o início do período seco e, conseqüentemente, em um ambiente de pH e temperaturas altas e baixo material de suspensão, ou seja, partículas sólidas.

Práticas de captura na comunidade de Cametá Tapera

A pesca artesanal do aviú na região utiliza em suas metodologias, práticas e apetrechos tradicionais que fazem parte do processo histórico de pescaria. O apetrecho de pesca utilizado é denominado de pano de aviú ou rede de aviú fabricado de filó, náilon e cabos de madeira (calão), conforme mostra a Figura 5. Esse apetrecho muitas vezes é produzido pelos próprios pescadores, pois o pano depende da preferência de cada pescador. Algumas pessoas gostam de panos compridos e largos, outras, não. São usados também baldes, paneiros e sacos plásticos como recipientes para se colocar o aviú pescado.



Figura 5: Pano de aviú, apetrecho utilizado na pesca
Fonte: Lilian Gudes, 2023.

A pesca é realizada por arrasto superficial por dois pescadores (Figura 6) e em alguns casos faz-se necessário a presença de uma terceira pessoa para transferir os recipientes com o aviú pescado para o local de preparo.



Figura 6: Pesca de arrasto do aviú (*Acetes marinus*).
Fonte: Lilian Gudes, 2023.

A pesca é realizada na vazante (meia maré), com frequência, à noite, em uma área de praia e lama chamada baxio, num percurso representado pela Figura 7. Dizem os pescadores, que a presença do aviú nas águas do rio Tocantins é baseada também nos fatores físicos, como maré, que é determinante para o sucesso da captura. Para o entendimento da prática de pesca, utilizamos a ideia de Nascimento e Barros (2021), onde enfatizam os aspectos sazonais como fator predominante na pesca artesanal, tendo forte influência das marés e ciclos lunares, onde tais atividades são realizadas de acordo com os fenômenos da natureza.

No que consiste a sazonalidade, os pescadores têm o período seco como

época preferida para a pesca, em período muito chuvoso o aviú quase não predomina. Nesse contexto, durante a noite, dependendo da maré, o aviú se concentra mais, ou seja, a noite escura e a maré vazante são fundamentais para o rendimento da pesca. Os moradores relatam que os aviús nadam como se fossem um só, ou seja, em cardume, e que podem sentir sua presença pelo toque das mãos na vazante da água. Ainda afirmam que eles são misteriosos, pois nem os mais experientes pescadores sabem explicar sua existência numa única época do ano.



Figura 7: Percurso realizado pelos pescadores durante a pesca do aviú.
Fonte: *Google Earth* 2023.

A Figura 7 é a representação via *Google Earth* do percurso que os pescadores artesanais realizam durante a pescaria. Através da imagem é possível observar que a pesca é realizada à margem esquerda do rio Tocantins, nas proximidades da praia.

A organização do espaço de pesca é livre, qualquer pessoa pode pescar em qualquer parte do rio. Algo interessante é o fato de todos os pescadores esperarem a hora certa para entrarem na água para que todos possam realizar a pescaria juntos. A meia maré no turno da noite indica a hora adequada para os pescadores realizarem a pesca. Cada lance (voltas curtas ou longas) realizado pelo pescador artesanal, representa uma quantidade de aviú pescada que é depositada nos recipientes (paneiros, sacos, baldes etc.) (Figura 8).



Figura 8: Aviú adicionado respectivamente em paneiro, balde e saco plástico.

Fonte: Lilian Guedes, Tiago Saboia, 2023.

No processo de pescaria realizado, algumas características são levadas em consideração como as questões de parentesco e às vezes, amizade. As duplas de pescadores podem ser de uma mesma família ou de famílias diferentes.

Nessas situações, são famílias definidas como camponesas, onde de acordo com os pensamentos de Chayanov (1974), são caracterizadas pela presença de uma economia baseada na produção da unidade familiar, uma vez que tudo o que é produzido pertence à família e não à alguém de forma individual, ou seja, não há a necessidade de divisão quando as pessoas envolvidas são somente de uma família.

No segundo caso, os pescadores também se caracterizam como camponeses; porém, a pesca é realizada com uma outra pessoa de fora da família, devido o pai, a mãe ou o irmão não apresentarem condições para a realização da atividade, fazendo-se necessário a presença de um parceiro externo, cabendo a eles a divisão do pescado ou da renda gerada. É importante ressaltar que os recursos financeiros e alimentares obtidos por eles também são voltados para o grupo familiar a qual pertencem.

Eventos físicos e aspectos morfológicos da pesca: lua, maré e chuva

A captura do aviú na região também é caracterizada pelos eventos físicos. Ela tem suas particularidades e são influenciadas pelos eventos relacionados com as fases do ano, claridade da noite e principalmente maré, como mostra a Tabela 2.

Os pescadores artesanais da localidade de Ponta do Luciano realizam suas

atividades de pescaria com base nas características e práticas obtidas no decorrer da vivência direta com a atividade tradicional.

A vazante é o ponto certo da maré para quem pretende capturar os crustáceos em maiores quantidades. Noites escuras, assim como o período seco também são de preferência dos pescadores. Os habitantes da região relatam que pode-se pescar a espécie em outros horários ou épocas; porém, é muito raro devido a quantidade de aviú ser bem reduzida, tanto que apresentam características diferentes em cada turno e época do ano (Tabela 3).

Tabela 2: Ponto de vista dos pescadores quanto aos eventos físicos ligados a captura do aviú (*Acetes marinus*).

MAIOR PRODUTIVIDADE		MENOR PRODUTIVIDADE	
“Vazante”	“Dá em grande quantidade”	“Enchente”	“Não dá”
“Lua escura”	“Da mais aviú, a luz espanta o pescado”	“Lua Clara”	“Ele dá no luar também, mas em quantidades inferiores”.
“Período seco”	“A safra do aviú é no período seco, no caso em maio. Dá mais aviú”	“Período chuvoso”	“Dá em período de chuva, só que em quantidades inferiores comparada ao período seco”

Os conhecimentos tradicionais dos pescadores em relação aos eventos físicos, são muito significantes para a tomada de decisões de quando pescar, pois, são determinantes para o sucesso ou fracasso da pescaria. De acordo com Costa-Neto e Marques (2006), os ciclos lunares e as marés influenciam, fortemente, na pesca, principalmente, no que diz respeito ao comportamento do pescado e dos pescadores. Assim, cada detalhe observado pelos pescadores é essencial para a construção de conhecimentos e práticas que representem para eles uma pesca bem sucedida.

Tabela 3 - Conhecimentos dos pescadores quanto a produtividade e características morfológicas do aviú (*Acetes marinus*)

MAIOR PRODUTIVIDADE		MENOR PRODUTIVIDADE	
“Aviú da noite”	“Mais claro e maior”	“Aviú do dia”	“Mais avermelhado e menor”
“Lua escura”	“Mais claro e maior”	“Lua Clara”	“Mais avermelhado e menor”
“Período Seco”	“Mais claro e maior”	“Período Chuvoso”	“Final da safra é mais avermelhado e menor”

Em relação aos aspectos morfológicos, os crustáceos apresentam aparência semelhante à do camarão, possui barba, tamanho e cores diferentes. O aviú capturado no início da safra e de noite se apresenta maior e mais claro em relação aos que se encontram durante o dia, no luar e no final da safra, pois são mais avermelhados e menores.

A época de pesca, horários, regras e restrições são conhecimentos

adquiridos e transmitidos de geração a geração. Cada pescador ali presente obteve esses conhecimentos e práticas tradicionais por meio de seus pais, tios, avós entre outras pessoas que sempre utilizaram a pesca como forma de vida.

Para Cardoso (2001, p. 42), “o conhecimento na pesca é conhecimento de ventos, águas, marés, fundos submarinos, correntes, hábitos de peixes, entre uma série de processos ‘naturais’, formando sistemas cognitivos próprios para a interpretação, apropriação e representação destes processos.” Ou seja, cada hábito ou prática relacionada às atividades dos ribeirinhos estão diretamente ligadas aos conhecimentos adquiridos em toda a história de vida dessas pessoas com a natureza. O que produzem, como produzem e para que produzem são fatores que também representam a localidade.

Aspectos socioambientais na Pesca artesanal do aviú

É importante observar que alguns problemas ambientais e o aumento da concorrência sobre os crustáceos, também apresentam forte influência no aumento significativo da pressão sobre eles. A pesca do aviú há pelo menos 9 décadas era realizada somente pelos moradores da localidade, sendo capturados em pequenas quantidades apenas para satisfazer suas necessidades alimentares. Atualmente essa atividade é realizada por várias grupos que não pertencem a região, ou seja, grupos de outras ilhas e cidades, ocasionando a redução desses crustáceos para os pescadores locais e, conseqüentemente, para as futuras gerações.

Assim, a captura da espécie é realizada por quase toda população local e por diversas pessoas de outras regiões, o que, conseqüentemente, pode explicar a hipótese de redução da espécie no local, pois de acordo com os fatos, pode ser que não haja uma redução na quantidade de aviú, mas um aumento na procura e no número de pescadores artesanais na região.

Outro fator importante a ser destacado é o excesso de lixo presente nas águas do rio Tocantins. O vento arrasta o lixo para as margens do rio dificultando a captura dos crustáceos, que ao serem capturados se tornam impróprios para o consumo até que todas essas sujidades sejam removidas.

O senhor Roso Guedes, pescador da comunidade de 87 anos, afirma que em sua época havia abundância de aviú, bem diferente do que se encontra hoje. Diz que todos os anos os crustáceos eram capturados para seu consumo e de sua família. Desse modo, ao contrário do que se percebe nos relatos do senhor Roso Guedes, foi observado que entre os anos de 2019 à 2023 houve uma variação na captura, uma vez que, o aviú nos anos de 2021 e 2023 deixou a desejar, com a sua praticamente ausência na região.

Para Miller et. al. (2019), a degradação do meio ambiente, principalmente por diversas contaminações, é um grande problema para as comunidades tradicionais. É da pesca que a maior parte dos pescadores artesanais tira o sustento de suas famílias, mas o excesso de lixo, muitas vezes, inviabiliza as práticas de captura e

manejo desses recursos, o que pode afetar a reprodução social dos sujeitos que a praticam.

As sujeiras, provenientes da ação do ser humano, estão presentes no cotidiano dos pescadores artesanais que têm a pesca como atividade imprevisível, com resultados que podem ou não favorecer a garantia da segurança alimentar e nutricional ou da renda extra familiar. Esse é um desafio bem grande para os pescadores, visto que, quanto maior a quantidade de lixo no rio, menor é a possibilidade de se consumir o aviú, pois a grande quantidade de sujeira torna o crustáceo impróprio para o consumo.

Barra (2019) afirma que a ação negativa do ser humano, diante do meio ambiente, interfere na atividade de pesca, mas o pescador artesanal vai se aprimorando e criando alternativas ou condições que sustentem sua atividade diante da atual situação social. A retirada de sujidades do aviú é uma forma de garantir que o crustáceo seja favorável a todo o processo de produção. Assim, o pescador segue firme na construção de suas técnicas tradicionais, que por meio da observação e vivência vai descobrindo novas formas e adaptações, como as marés, o movimento da lua e a melhor forma de consumo para suas famílias.

Todas essas questões socioambientais incidem sobre a atividade e seus praticantes, podendo acarretar na diminuição da reprodução dos crustáceos e, conseqüentemente, na redução de captura voltada para o sustento das comunidades ribeirinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, os pescadores artesanais da localidade de Ponta do Luciano de Cameté Tapera, demonstram uma diversidade de conhecimentos em torno da pesca artesanal do aviú, das práticas tradicionais e as contribuições para a vida na comunidade. Apresentam muitos conhecimentos a respeito da prática de pesca, dos apetrechos e cosmovisões. Sabem identificar, dessa forma, a hora de pescar, consideravelmente pelo toque das mãos, percepção de aspectos físicos, principalmente, por meio dos sistemas lunares e de marés.

Cada detalhe pôde ser vivenciado e compreendido por meio da metodologia proposta, possibilitando contatos significativos com o meio de vida dos moradores da localidade. O saber tradicional apresenta valores, crenças e intuições baseadas na natureza que cada indivíduo vive. Esse saber tradicional é compartilhado na localidade de pai para filho, criando uma importante história da tradição pesqueira local.

Desse modo, a natureza e os fazeres à sua volta são fontes de vida importantes para a transmissão dos conhecimentos e práticas, e para as necessidades básicas de autoconsumo e geração de renda. Caracterizada pela reprodução de saberes, a atividade é praticada com base nos conhecimentos empíricos, e suas práticas tradicionais de pesca, autoconsumo e comercialização são os fatores que caracterizam a etnoecologia da pesca.

Além disso, foi muito significativa o emprego da abordagem etnoecológica para o entendimento dos sistemas específicos de interação dos povos da localidade de Ponta do Luciano com o meio natural em que vivem. A participação da família nos sistemas que envolvem a pesca, os apetrechos de pesca, as práticas de captura, os recursos naturais obtidos e todo o conhecimento deixado pelos antepassados da comunidade, assim como as inovações, fazem parte da identidade de cada cidadão da região.

A reprodução familiar, portanto, existente a partir da relação do ser humano com a natureza, é compreendida como reprodução biocultural desses sujeitos, pois utilizam as atividades produtivas para a realização de práticas voltadas para a garantia da reprodução social e o sustento de suas famílias, como a garantia de alimentos e renda extra familiar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOLI, Vanessa Marion. Natureza e pesca: Um estudo sobre os pescadores artesanais de Matinhos – PR. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, CURITIBA - 2007.

ASSUNÇÃO, Antônia do Socorro Américo. Composição centesimal, colesterol e maturação ovariana do acetes marinus OMORI, 1975 coletado no baixo Tocantins. Dissertação de mestrado, Belém 2007.

BARRA, José Domingos Fernandes et al. As transformações no mundo do trabalho e as implicações na formação dos pescadores artesanais na Amazônia Tocantina. Belém, 2019.

CAMPOS, André Gambier; CHAVES, José Valente. Seguro Defeso: problemas enfrentados pelo programa. Mercado de Trabalho, Rio de Janeiro, v. 1, p.77-84, 2014.

CARDOSO, Eduardo Schiavose. Pescadores Artesanais: natureza, território, movimento social. Tese apresentada junto ao programa de pós graduação em geografia física. São Paulo, 2001.

NETO, Eraldo Medeiros Costa; MARQUES, José Geraldo Wanderley. Etnoictiologia dos pescadores artesanais de Siribinha, município de Conde (Bahia): aspectos relacionados com a etologia dos peixes. Acta Scientiarum. Biological Sciences, v. 22, p. 553-560, 2000.

COTRIM, Décio Souza. Agroecologia, sustentabilidade e os pescadores artesanais: o caso do Tramandaí (RS). Programa de pós graduação em desenvolvimento rural PGDR, Porto Alegre, 2008.

CHAYANOV. A. V. La Organización de la Unidad Económica Campesina. Buenos Aires: Nuevas Visión, 1974.

DÂMASO, Renata Cristina da Silva Costa. Etnoecologia dos Pescadores de Itacaré, Bahia, Brasil. Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação em Zoologia. Ilhéus, Bahia, Abril – 2006.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará. 1990.

FROSSARD, Antonio Carlos. Identidade do Jovem Rural Confrontando com Estereótipo de Jeca Tatu: Um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I. Dissertação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Nova Friburgo - RJ, Brasil, Dezembro de 2003.

GERHARDT, Tatiana. E.; SILVEIRA, Denise. T. Métodos de pesquisa. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS, ed. UFRGS, 2009.

Inventário da oferta turística do município de cameté – PA. Secretária de Estado de Turismo do Pará, BELÉM 2016.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009.

LITTLE, Paul Elliott. Etnoecologia e direitos dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 39-47, 2002.

MALINOWSKI, Bronisław. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*, v. 5, p. 191-212, 1987.

MILLER, Francisca de S. et al. Dossiê: Pesca Artesanal: Práticas Sociais, Território e Conflitos. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 53, 2019.

MONTEIRO, Amanda Sousa. Tururi (*Manicaria saccifera* Gaerthn): caracterização têxtil, processos e técnicas artesanais em comunidade local amazônica (PA-Brasil). Dissertação (Mestrado em ciências), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MORENO, Larissa Tavares. A luta pra pescar: reconhecimento e direito social dos pescadores artesanais. *PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho*, v. 16, n. 2, 2015.

MOURÃO, Luciana P. de Oliveira Tavares. Estratégias de Resistência da Comunidade de Cametá Tapera-Pa: condições de vida e de trabalho entre o urbano e o rural. VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária, Curitiba, Novembro de 2017.

MORAES, Sérgio Cardoso. Conhecimentos Tradicionais na Pesca Artesanal. *Ateliê Geográfico Goiânia-GO* v. 5, n. 2 agosto /2011 p. 88-105 Página 88.

NASCIMENTO, Anael Souza.; BARROS, Flávio Bezerra. Dimensões da pesca na Comunidade Quilombola de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará): características, conhecimentos tradicionais e cosmologias. *Revista Antropológicas*, p. 199, Ano 25, 32(1): 199-230, 2021.

NUNES, Emília do Socorro et. al. Avaliação da qualidade do Camarão salgado seco (aviú) e da farinha de peixe (pirarucu) comercializado em mercados varejistas da cidade de Belém, Pará. *Revista Instituto Adolfo Lutz*, 2013.

SILVA, Christian Nunes et al. Pesca e influências territoriais em rios da Amazônia. *Novos Cadernos NAEA*, v. 19, n. 1, 2016.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência Pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 20, p. 31-45, 2009.

VASCONCELOS, M. D. A. C.; DIEGUES, Antonio Carlos; SALES, Renato Rivaben de. Alguns aspectos relevantes relacionados à pesca artesanal costeira nacional. São Paulo: NUPAUB, Universidade de São Paulo, 2007.